

O BIXÚ VAI PEGÁ: A FUTURIDADE-JOVEM

Aristóteles Berino

"O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo."

Paulo Freire (2000: 56)

"É fundamental viver a própria existência como algo unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro." Milton Santos (2001: 116)



Estamos sempre ouvindo algo sobre as escolas, sobre os jovens que estudam e o que isso poderá representar para a vida futura. E o que esses jovens dizem sobre suas existências, sobre a perspectiva da vida mesmo, de dentro da escola? O que é cotidianamente, com a vestimenta escolar, pensar a vida como um ponto de encontro futuro?

Eu me recordo agora de uma manhã de ensino em uma escola municipal. Na verdade, ali não ensinava nada. Não havia ninguém para aprender. Como no *dia em que a terra parou*: O aluno não saiu para estudar/ Pois sabia o professor também não tava lá/

E o professor não saiu pra lecionar/ Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar (Raul Seixas).

Estava desolado e procurei a janela, não sei se instintivamente, para encontrar "lá fora" algo que pudesse me recuperar, diante da devastação que o instante parecia impor definitivamente. Sem qualquer

amparo que se afigurasse ante meus olhos, ressentido, eu fiquei pensando na ignorância do “mundo”: do *outro lado* não imaginam o que é a vida vista de dentro da escola. Estão sempre falando das escolas, mas o que poderia ser visto das coisas a partir daquele lugar? Todas as vezes que saía daquela escola, a vontade era não voltar mais. Até o dia que isto aconteceu. Nunca mais vi aquelas pessoas, colegas, alunos, direção, todos desapareceram da minha vida. E, no entanto, aquele drama (aquela trama...) persistia me incomodando: qual é a imagem do existir vista através da escola?

Predominava, sem dúvida, aflição e amargura no meu sentimento. E não acho que isso poderia ser visto como um vestígio privado a respeito da vida nas escolas. No documentário *Pro Dia nascer feliz* (2007), de João Jardim, uma jovem professora diz, de forma direta e sem vacilar: “Eu falto por cansaço (...). É uma carga física e mental muito grande. É mais do que o ser humano pode agüentar”. E também não se trata da “realidade brasileira”. No filme francês *Entre os muros da escola* (2008), de Laurent Cantet, um professor extravasa: “Vou avisar o diretor que não dou mais aula para a 6ª série. Chega”.

Mas, quem sabe, *entre lês murs* (título original do filme francês) mesmo, e não “lá fora”, vamos encontrar algo vívido, cintilante, para corações apertados.

Foi nas férias escolares que visitei, mais tarde, outra escola. Creio que ainda na minha busca por outras impressões – para me descolar, quem sabe, de um ressentimento que não havia abandonado completamente. Mas agora o olhar era invertido. Não era professor na escola, mas de uma universidade, pisando em solo estranho.

Os alunos não estavam lá. O que poderia encontrar? O que poderia ver? Caminhei pelas salas, pelos corredores, pelos espaços que ocupavam e outros vestígios iam aparecendo, contrastando, com as minhas imagens anteriores.

Nas carteiras, nas paredes, em todas as superfícies, eles diziam algo sobre o tempo de suas vidas – e agora era apego, amor e confiança o que eu sentia. O futuro era outro.

Como enxergar o *futuro* no caleidoscópio do cotidiano escolar?

.

✓ Aristóteles Berino: Professor do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). Pesquisador do LEAFRO/NEABI/UFRRJ.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.